

Cartografias do Pensamento Comunicativo:

do esvaziamento da crítica ao diálogo sensível

Laura Fernanda Cimino¹

Resumo:

Partimos do pressuposto de que não é possível reduzir a complexidade do fenômeno comunicacional à sua dimensão discursiva, meramente referencial. O objetivo deste artigo é o de analisar a possibilidade de outras estratégias discursivas que fazem parte do jogo das relações comunicativas, principalmente, àquelas que se dão no âmbito das atuais tecnologias hipermediáticas e que se configuram como locus de gestação de uma nova racionalidade na contemporaneidade. Para verificar tal hipótese, buscamos as contribuições teóricas propostas pelo pensamento complexo de Edgar Morin, além dos conceitos de “*Homo Estheticus*” e “*Razão Sensível*” de Michel Maffesoli, bem como das abordagens acerca da nova ordem social e cultural instaurada através do *biosmidiático*, elaborada por Muniz Sodré.

Palavras-chave:

Teorias da comunicação; estética; cognição, cultura; ciberespaço

Introdução:

“O pensamento é um combate com e contra a lógica, com e contra as palavras, com e contra o conceito” (Edgar Morin)

A emergência da cultura digital instaurada pela nova ordem social e econômica e flexibilizada pela atual fase do capitalismo globalizado têm produzido novos modos de caracterização das ciências da comunicação, informação e linguagem que estão sendo atingidas pelo surgimento de uma tecnologia interativa hipermediática e que se insere num novo ambiente de trocas comunicativas: o ciberespaço.

¹ Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Membro do grupo de pesquisa Espacc (Espaço Visualidade Comunicação Cultura), coordenado pela professora Lucrécia D’Aléssio Ferrara. Bolsista do CNPq.

Neste sentido, parece-nos fundamental analisar as interfaces cognitivas e os processos de comunicação entre homens, homens e máquinas e o seu entorno, a partir de outro contexto cibernético que vai demandar novas abordagens conceituais, metodológicas e pragmáticas das ciências a partir de uma rotação cognitiva que permitirá ainda o diálogo entre as múltiplas áreas do conhecimento.

Isto implica, contudo, outro modo de organização do conhecimento a partir da mobilização de todos os campos do saber (científico, filosófico e artístico) de forma dialógica e colaborativa em prol do surgimento de novas configurações cognitivas que representem uma racionalidade complexa, mais afinada às exigências da cultura contemporânea.

Tal fato nos coloca diante de uma mudança programática e, sobretudo, paradigmática nos estudos da ciência da comunicação que apontam para uma revisão do atual modelo epistemológico tanto no âmbito das relações comunicativas quanto dos processos de mediação na esfera social e, conseqüentemente, da cultura. Isso significa que estamos experimentando uma espécie de reformulação na maneira de pensar o próprio pensamento comunicativo.

O deslocamento da tecnologia mecânica para a eletroeletrônica e digital que se manifesta através da passagem de um modelo de comunicação centralizado, horizontal e unidirecional para atingir as redes interativas e cooperativas dos meios virtuais vai demandar, sobretudo, uma mudança na formalização do ethos social que conduz a novos modelos de percepção, cognição e, conseqüentemente, representação da sensibilidade contemporânea.

Edgar Morin já afirmara que o desenvolvimento de uma democracia cognitiva só é possível numa reorganização do saber, a qual reclama uma reforma do pensamento, capaz de permitir não somente a separação para o aprendizado, mas o *religere* dos campos do conhecimento. Portanto, a reforma do pensamento comunicativo deve passar, impreterivelmente, pelo questionamento de suas bases epistemológicas.

1. As semioses do pensamento comunicativo:

Conforme analisa Muniz Sodré², o pensamento comunicativo têm enfrentado, nos últimos trinta anos, uma crise paradigmática, em consequência da instalação de uma cultura hipermediática, sem precedentes. Neste aspecto, o autor sugere a possibilidade de se encontrar um novo caminho epistemológico para uma abordagem do campo científico da comunicação a partir dos seguintes níveis semânticos: veiculação, vinculação e cognição.

Em outros termos poderíamos investigar a complexidade do fenômeno comunicacional e das relações comunicativas a partir das *semioses* produzidas pelas mídias, pelos meios e pela linguagem. Ou seja, isso implicaria pensar a comunicação em todos os seus aspectos que vai da midiatização das relações sociais pelos veículos ou dispositivos tecnológicos e também no seu aspecto conceitual enquanto processo de produção de conhecimento acerca de determinados aspectos da cultura contemporânea.

É neste sentido que Muniz Sodré (2002, p. 222) alerta para o fato de que “se olharmos para o campo comunicacional apenas como mero reflexo das práticas da mídia, sempre orientadas para uma antecipação acelerada do futuro, a cognição daí recorrente não poderá dispor de qualquer objeto próprio. Por outro lado, é difícil pensar no conceito de “um” objeto para uma disciplina social atravessada pela profunda fragmentação, tanto dos fenômenos que procura conhecer quanto de seu próprio campo teórico”.

Certamente, tudo isso deve implicar numa nova antropologia ético e política da comunicação que se desdobra numa outra descrição e interpretação das relações entre os homens e os novos meios tecnológicos que são capazes de transformar tanto as consciências quanto o próprio Ser sob o influxo de uma nova ordenação espaço-temporal e que, na contemporaneidade, são representadas pela ubiquidade do tempo real no ciberespaço.

Diante de tal fato, é possível se cogitar que a comunicação torna-se uma das principais matrizes do pensamento social e cultural na contemporaneidade, já que, ela se comporta

² Análise desenvolvida no capítulo “Communicatio e episteme” do livro “*Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

tanto como reflexo das atuais práticas sociais e intersubjetivas quanto serve de base conceitual e metodológica para a compreensão pragmática do nosso espírito do tempo.

“Apesar dos ritmos cada vez mais velozes e mercadologicamente obsessivos de hoje, pode-se fazer contato com algo que *duré* política e existencialmente na contemporaneidade, isto é, algo que tenda a comportar-se como um fio condutor do sentido pertinente à variedade das ações sociais. Nessa duração, faz-se claro o núcleo teórico da comunicação: a vinculação entre o eu e o outro, logo, a apreensão do *ser-em-comum* (individual ou coletivo), seja sob a forma de luta social por hegemonia política e econômica, seja sob a forma de empenho ético de reequilíbrio das tensões comunitárias”. (SODRÉ, 2002, p.223)

Neste aspecto, parece-nos que se torna praticável uma abordagem antropológica da comunicação na forma de uma ciência que tece uma teia de relações que vão das descrições das formas estruturantes de uma determinada cultura até a lógica do agir humano dentro de uma multiplicidade de agenciamentos histórico e sociais.

2. A imagem como vínculo social

Vivemos numa cultura que é predominantemente simulativa e que parece desprestigiar, sistematicamente, o pensamento crítico e reflexivo. Assim, no interior das tecnointerações, o homem é solicitado a viver, cada vez menos, autoreflexivamente, pois aquele horizonte comunicacional é o da interatividade absoluta e o da conectividade permanente. Neste sentido, estamos diante de um novo regime de representação do real que se qualifica pela virtualização de todas as formas da existência através do redimensionamento das clássicas categorias de espaço e de tempo.

Decorre daí que, a canalização na qual se situa o biosmidiático tem para além do funcionamento de um simples espelho do mundo, um potencial de transformação da realidade vivida. A realidade cotidiana permitirá desse modo, a caracterização de uma experiência particular de temporalização e de espacialização que se dá pela imaterialidade do espaço virtual ancorado na aceleração do fluxo eletrônico e digital do tempo real.

Em outros termos, o novo espírito do tempo marcado pela sociedade da informação e da comunicação demonstra uma saturação em relação ao pensamento conceitual em

detrimento da exaltação de uma experiência dialógica imediata e sensível com a realidade. Sem dúvida, essa parece ser a principal característica da cultura pós-moderna, uma espécie de pressuposto sintomático que tenta combater a “ressaca” imposta pelo dogma racionalista, pautado numa lógica formal aristotélica e no dualismo cartesiano.

Desde o período pós-guerra, entramos numa espécie de “desencantamento do mundo” provocado por uma herança Iluminista que postulava a instrumentalização do pensamento pela racionalidade técnica em oposição à subjetividade e toda dimensão da experiência sensível. Ou seja, a cisão cartesiana entre o *logos* (inteligível) e o *pathos* (sensível) vai traduzir-se num racionalismo que privilegia a dominação da natureza e a extinção de qualquer traço imaginativo, lúdico e subjetivo como instâncias que induzem ao erro na apreensão cognitiva da realidade.

Contudo, com a passagem de uma racionalidade instrumental para outra tecnológica, temos experimentado o esvaziamento do pensamento crítico e conceitual em favor de uma práxis essencialmente lúdica. Todo pensamento contemporâneo erige-se sob uma manifestação do *ethos social* a partir de uma dimensão estética (*aíesthesis*). Daí que a emergência do ciberespaço tem nos imposto extinguir “o velho contencioso da metafísica que se irradiou no pensamento moderno social: a oposição entre a razão e a emoção”, nos lembra Sodré.

Nesta medida, a dimensão sensível que foi sistematicamente isolada para dar lugar à pura lógica racional³ e à total dependência do conhecimento frente ao capital tende, agora, a ser relativizado, a partir da desmistificação de certas crenças que acompanharam toda tradição do pensamento ocidental forjado desde a sua origem pela metafísica de Platão.

Desse modo, os novos meios tecnológicos têm redimensionado o papel da linguagem enquanto mediação na produção de sentido. As novas tecnologias da comunicação agenciam uma espécie de linguagem que já não gera mais sentido, mas, apenas interações perceptuais. Isso quer dizer que os meios digitais trabalham com a passagem direta entre a intenção e o agir, sem a intermediação do pensar. Trata-se do não

³ Razão entendida como uma forma calculável de maximizar ou minimizar determinados meios para se atingir determinados fins.

investimento do pensamento conceitual em favor da imagem; dos ícones da tela do computador; de um novo conceito de tempo, já não cíclico e nem analógico, mas simulado, um tempo que é próprio da máquina e totalmente diferente dos que até então nós conhecíamos.

Estaríamos, pois, diante de uma nova racionalidade?

Ou ainda de outra forma, pergunta Michel Maffesoli (1998, p. 32): “por que, na contemporaneidade não é mais possível se dividir aquilo que é da ordem da razão daquilo que é da ordem da emoção, ou seja, aquilo que valorizaria as luzes, em detrimento, daquilo que estaria relacionado ao obscurantismo da tradição?”

Como analisa Henri Atlan (1979), estamos vivendo uma era de múltiplas e diversas racionalidades que são capazes de apreender a realidade, que não se sucedem, mas que coexistem. Neste sentido, o teórico da complexidade que defende o acaso como princípio organizador de uma visão *antropoética* do existente, vai afirmar que a subjetividade não é uma ilusão como acreditou a ciência moderna e descartou-a como uma fonte de erro que poderia confundir o processo cognitivo.

Ao mesmo tempo, a flexibilização das normatizações e dos códigos de conduta impostos pelas instituições sociais (Estado, religião, educação, cultura) traduz-se na substituição de uma estrutura linear e contínua, característica dos regimes de manipulação e de controle “disciplinar” próprios da racionalidade moderna para outros modelos de dominação mais difusos e descentralizadores das relações sociais.

Dessa forma, a ordem impositiva dos vínculos na modernidade foi concebida a partir de concepção dualista de um mundo fundada numa suposta separação ilusória entre homem e natureza o que conseqüentemente, se mostrará na forma de inúmeros dualismos: público e privado, forma e conteúdo, aparência e essência, etc.

Neste sentido, Maffesoli dirá que:

“A empiria é o que o racionalismo moderno empenhou em criticar, em nome de um “dever ser”. É preciso voltar à própria coisa e isso é parte do hedonismo cotidiano pós-moderno. É isso que pode fazer superar aquela filosofia a priori que a partir da distinção entre idéias e vida vai considerar esta última banal, sem interesse, um tema vulgar. Se a expressão ruptura epistemológica tem um

sentido é exatamente esse: é preciso saber romper com uma postura intelectual, em última análise bem conformista e que sempre busca uma razão impositiva para além daquilo que convida a ser visto e vivido. Mais do que razão a priori, convém por em ação uma compreensão a *posteriori*, que se apóie sobre uma descrição rigorosa feita de convivência e empatia “(MAFFESOLI, 1998, p.44).

Ao contrário da ordem impositiva do “dever ser”, a contemporaneidade têm privilegiado o “ser” nas suas dimensões pragmáticas, cotidianas e banais. A comunicação enquanto “cimento social” de que fala o sociólogo francês, ou ainda, como agenciadora dos vínculos intersubjetivos parte de uma “estratégia sensível”⁴ que reforça os laços de empatia, de comunhão com o Outro a partir não mais de uma ética humanista pautada na semelhança.

Ao contrário, o comungar se dá por intermédio de uma postura que reconhece na diferença, a singularidade das coisas. Portanto, parece-nos que estamos caminhando de uma postura crítica e impositiva que valoriza um modo de raciocinar dedutivo e explicativo em direção a uma maior razoabilidade das construções cognitivas que se fazem de maneira compreensiva e criativa. É daí que Maffesoli parte de sua análise que decreta o fim do “*homo significans*” para o surgimento do “*homo estheticus*”.

“Ao nomear com excessiva precisão, aquilo que se apreende, mata-se aquilo que é nomeado. Os poetas tornaram-se atentos a tal fenômeno. A vida não se deixa enclausurar. Quando muito é possível captar-lhe os contornos, descrever-lhe as formas, levantar suas características essenciais. Assim, opera-se o conhecimento sem, praticar a taxidermia que, alfineta, cataloga e põe em ordem um corpus de objetos mortos. É o acionamento de uma razão aberta”. (MAFFESOLI, 1998, p. 60)

3. A imagem virtual como matriz epistemológica do conhecimento sensível

Se as sociedades modernas estão impregnadas, por um lado, pela linearidade do discurso verbal, a pós-moderna, contrariamente, acaba privilegiando o discurso não verbal apoiado numa lógica analógica e atualmente, digital que estão mais próximos da dimensão *aesthesis* ou sensível.

⁴ Título do livro de Muniz Sodré, publicado em 2006.

Desse modo, fazemos parte de um ethos social que demonstra uma saturação em relação ao pensamento conceitual. Ou seja, os novos vínculos instituídos pela imagem virtual parecem desprezar o pensamento crítico e conceitual em favor de uma práxis essencialmente imediata e lúdica. Desse modo, as novas tecnologias da comunicação têm redimensionado o papel da linguagem enquanto mediação na produção de sentido.

Neste sentido, dirá Régis Debray (1993, p. 64) que:

À crescente visibilidade da extensão do mundo externo, corresponderia, inversamente, uma diminuição ou um estreitamento da dimensão invisível. A imaterialidade ou os símbolos que jamais terão traduções visuais possíveis, nem que fossem virtuais, no ciberespaço. Assim, quanto mais cresce o domínio das imagens de síntese, por exemplo, cuja aparência sensível é gerada por um modelo matemático, de natureza inteligível, mais decresce a antiga força da transmissibilidade simbólica da imagem, sua capacidade de apontar para uma transcendência. Ou ainda, quanto menos a imagem significar, maior sua pretensão em ser linguagem.

De certa forma, as novas tecnologias agenciam uma espécie de linguagem que já não vai gerar, necessariamente, um sentido. Isso quer dizer que, as novas tecnologias trabalham com a passagem direta entre a intenção e o agir, sem a intermediação do pensar. Trata-se do não investimento no pensamento conceitual em favor da imagem; dos ícones da tela do computador; de um novo conceito de tempo, já não mais cíclico, nem analógico, mas simulado, um tempo próprio da máquina, diferente dos que até então conhecíamos.

Neste sentido, a linguagem digital, ainda que coexistindo com a linguagem oral e escrita, traz consigo exigências cognitivas distintas, já que imprime também uma dinâmica comunicativa própria e que é responsável por um novo fenômeno sócio-linguístico-cultural, no qual o complexo informacional é incorporado à ecologia cognitiva. Dessa forma, a indissociável relação entre linguagem, cognição e cultura confere à linguagem um papel fundamental na inserção sociocultural do sujeito, tornando as atuais tecnologias um dos principais elementos de formação do tecido social e de instauração de novos processos de subjetividade.

Se tomarmos o papel social das várias linguagens, observamos que quando a linguagem oral predominava, a cognição privilegiada era a memória humana, que, identificada como a inteligência encontrava no cérebro a única forma de registrar, armazenar e

disseminar a informação, instaurando-se no interior de uma relação em que o emissor e o receptor da mensagem estavam localizados no mesmo espaço e tempo.

Já com o surgimento da escrita, a linguagem oral cede lugar ao verbal escrito, da qual nascerá uma nova modalidade de comunicação. Nela predomina o discurso que, separado do contexto espaço-temporal no qual foi produzido, libera o homem como principal mediador da mensagem. Por meio da escrita multiplicam-se as formas de registro, tornando o livro o seu principal suporte, o formato mais conhecido para concentrar o pensamento que na difusão da informação adquire um eficaz poder de disseminação. Além disso, estabelece-se uma relação temporal maior, uma vez que a linguagem escrita ao contrário da oral está fora de um tempo biológico, embora fortemente marcado pela cronologia.

Dessa forma, dispensando a presença física e simultânea do emissor e do receptor, a linguagem escrita parece fazer crescer o hiato entre quem escreve e quem lê, embora exija ainda uma cognição voltada para a interpretação da mensagem. Estamos, portanto, diante de uma cognição que se sustenta na possibilidade de provocar e operar relações entre diferentes signos que deverão ser reinterpretados pelos leitores a partir de uma lógica sincrônica que privilegia a seleção de elementos que se encontram dispersos na ordenação espaço-temporal. Ou como fala poeticamente Pierre Levy “*adormecida na linearidade do tempo, tombando sobre si mesmos, aguarda que o leitor os desperte*”.

Por sua vez, a tecnologia digital formada pela linguagem da informação e que se expressa através do código binário vai exigir uma dimensão cognitiva muito mais complexa, já que ela se dá num ambiente de entrecruzamentos e hibridizações de uma grande variedade de regime de signos que se inscrevem numa teia multimidiática de estímulos perceptivos e que incorporam outra configuração espaço-temporal.

A rede hipermidiática dissolve a relação assimétrica entre emissores e receptores e produz a circularidade da mensagem num processo de territorialização e desterritorialização numérica que parece oferecer um novo conceito de cultura a partir das cartografias que edificam alguns lugares em detrimentos de outros, como o novo *locus* de uma fruição fugidia da cultura.

Nesse modo, a linguagem digital deve complexificar o conhecimento, produzido e reconhecido através das redes, ao mesmo tempo, que propõe um novo modelo circular e dinâmico para os processos comunicativos. Amplia-se ainda, com as novas possibilidades tecnológicas, o universo da criação e da interpretação das semioses signícas. Desse modo, a linguagem digital funda-se em contextos móveis que acabam por inviabilizar a produção de um único sentido predeterminado.

Considerações finais

O processo de midiaticização das atuais sociedades contemporâneas expandidos pelos dispositivos de natureza tecnológica digital não se definem radicalmente como soma de todos os regimes de visibilidade experimentados pelos diversos modelos de sociedade constituídos, mas, como poder dos modelos que se atualizam e se concretizam em determinados tipos de imagens, historicamente sobre determinadas.

As imagens midiáticas que regem as relações sociais provêm, dessa forma, dos modelos hegemônicos do capital e dos mercados globais. Ao mesmo tempo, os simulacros instituídos pelos *bios virtual* ou biosmidiático levam os indivíduos a total imersão numa outra dimensão do espaço que se organiza pela mediação de imagens imateriais e auto-referentes (hipertextos, dispositivos de telepresença, realidade virtual).

Isso significa que essas imagens são produzidas sem um objeto referencial externo, mas, tornam-se interpretantes de si mesmas, proporcionando uma relação dialógica entre o espaço público e privado, individual e coletivo, contemplativo e interativo, imaginário e real. Nas atuais relações perceptivas e cognitivas expandidas pela crescente midiaticização através das redes digitais estão se configurando outros pontos de imersão econômica, política e afetiva que representam um novo *locus* destinado ao diálogo e novas estratégias de negociação entre o público e o privado na construção do espaço sociocultural.

Diante desta nova cartografia do pensamento comunicativo torna-se fundamental a idéia de “ponto de existência”⁵⁶, desenvolvida por Derrick de Kerckhove, na qual, o indivíduo

⁵⁶ Ponto de existência foi o termo utilizado por Derrick de Kerckhove para designar as relações de percepção das novas espacialidades construídas pelos meios digitais.

encontra uma posição física em meio aos sentidos tecnologicamente prolongados. Para ele, a sensação física de estar em algum lado é uma experiência tátil, não visual. É ambiental e não frontal. É compreensiva e cooperativa e não exclusiva. O meu ponto de existência, em vez de me distanciar da realidade, como acontece com o ponto de vista, torna-se o ponto de partilha do mundo.

Bibliografia:

ATLAN, H. *Entre o cristal e a fumaça: Ensaio Sobre a Organização do Ser Vivo*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1992

FERRARA, L. *Design em Espaços*. São Paulo, Rosari, 2003

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1998

_____. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1996

MORIN, M. *Da necessidade de um pensamento complexo*. In: MARTINS, Francisco & MACHADO, Juremir. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre, Sulinas, 2003.

SODRÉ, M. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Rio de Janeiro, Vozes, 2000

_____. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Rio de Janeiro, Vozes, 2006

\$KERCKHOVE, D. *A pele da cultura*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.